

«Sem um esforço imediato de trabalho e sacrifício não haverá democracia nem bem estar»

RAMALHO EANES

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXVI

9-2-1978

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 661

Composição e Impressão
«GRÁFICA FDI'ORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barras

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

ENTROU EM EXERCÍCIO o II Governo Constitucional

Após 50 dias sem o I Governo Constitucional (durante o prolongado interregno o Governo cessante limitou-se ao exercício rotineiro), foi nomeado e já tomou posse no passado dia 30 de Janeiro transacto, o II Governo Constitucional, que é formado por maioria PS, personalidades do CDS e independentes.

NO ALGARVE AS AMENDOEIRAS ESTÃO EM FLOR

Após algumas semanas de um sol quente e magnífico que tem brilhado nos céus do Algarve, as amendoeiras este ano floriram mais cedo do que é costume. Já todo o Algarve se vai cobrindo com o branco e o rosa primaveris das flores das amendoeiras. As populações locais, turistas e passantes que-
dam-se nas bermas das estradas para se extasiarem com o esplendor e único espectáculo dos vales e das encostas do Algarve a cobrirem-se de árvores em flor.

O milagre do inverno algarvio repete-se uma vez mais, como é costume nesta quadra do ano, entre o Natal e o Carnaval, em que o Algarve, sob a luz dourada e quente do sol que brilha nesse céu azul, se torna não só particularmente convidativo como também mais azul e mais branco do que nas restantes épocas do

(continua na pág. 3)

O elenco ministerial tem a seguinte formação: Primeiro-Ministro, Mário Soares; Ministro da Defesa, Filomeno Miguel; Ministro Adjunto do Primeiro-Ministro, Almeida Santos; Ministro das Finanças e do Plano, Vítor Constâncio; Ministro da Administração Interna, Oliveira e Silva; Ministro da Justiça, Santos Pais; Ministro dos Negócios Estrangeiros, Sá Machado; Ministro da Reforma Administrativa, Rui Pena; Ministro da Agricultura e Pescas, Luís Saias; Ministro da Indústria e Tecnologia, Carlos Melancia; Ministro do Comércio e Turismo, Basílio Horta; Ministro do Trabalho, Maldonado Gonet; Ministro da Educação e Cultura, Sottomayor Cardia; Ministro dos

Assuntos Sociais, António Arnaut; Ministro dos Transportes e Comunicações, Ferreira de Lima e Ministro da Habitação e Obras Públicas, Sousa Gomes.

Além da estruturação definitiva do Governo, que só estará completada com a inclusão de titulares respectivos nas Secretarias de Estado, o Governo elabora o seu programa de acção, seguindo-se, à ultimização do seu texto, cinco dias de discussão e votação na Assembleia da República.

Desta feita o II Governo Constitucional detém na Assembleia da República uma maioria parlamentar, que lhe possibilitará exercer o poder como lhe compete, a partir deste órgão de soberania.

SÃO INCRÍVEIS E DEPRIMENTES AS CONDIÇÕES EM QUE FUNCIONA a Escola Preparatória de Loulé

★ O DEPOIMENTO DA COMISSÃO DIRECTIVA DA IMAGEM DAS GRITANTES CARÊNCIAS DAQUELE ESTABELECIMENTO DE ENSINO

As nossas atenções foram previamente alertadas por alguns apreensivos pais e encarregados de educação que nos alvittraram apenas a visita à Escola Preparatória Eng.º Duarte Pa-

checo, de Loulé, e ali observarmos as precárias condições daquele núcleo escolar.

O que vimos foi mais do que suficiente para nos deixar impressionados, ou melhor dizendo confrangidos e às voltas com uma cruciante interrogação: — Como é que, professores e alunos, poderão em semelhantes condições, entregar-se proveitosamente às respectivas tarefas que envolvem o ensino e a aprendizagem?

O insólito do caso, remete-nos para a sua inauguração em 1968, quando a Escola Preparatória, a título provisório abriu as suas portas para acolher 150 alunos.

Hoje, a sua população estudantil

Festas do Carnaval de Loulé uma vez mais representaram honrosamente o Carnaval do Algarve

No torvelinho das atracções sempre emolduradas por COMPACTAS MULTIDÕES, o desfile dos carros alegóricos, a alacridade e vivacidade dos grupos carnavalescos, e a animação extraordinária dos bailes captaram rasgados aplausos e elogios dos nossos visitantes.

No próximo número daremos circunstanciado relato deste Festival.



I ENCONTRO DE ESCRITORES ALGARVIOS

Decorreu em Lagos, nos passados dias 21 e 22 de Janeiro o I Encontro de Escritores Algarvios, por iniciativa do Grupo de Estudos Algarvios, com o patrocínio da Câmara Municipal de Lagos, Direcção Geral da Cultura, Comissão Regional de Turismo do Algarve e apoio do Hotel Golfinho e do Hotel de Lagos, Mundial de Turismo, órgãos de imprensa regional e nacional, Radiodifusão e Radiotelevisão Portuguesa, reunindo a participação de cerca de 30 autores de todas as modalidades literárias, idades e tendências culturais, e registando na sua ordem de trabalhos, um elevado número de comunicações sobre a problemática algarvia, nos múltiplos aspectos da cultura, da História, da Poesia, da Lite-

(continua na pág. 5)

DR. ALBERTO IRIA FAZ O SEU DEPOIMENTO ACERCA DA OBRA LITERÁRIA DO DR. ATAÍDE OLIVEIRA

— Nota introdutória de J. C. Viegas

É hoje nosso ilustre entrevistado, o Dr. Alberto Iria, Secretário-Geral da Academia das Ciências e da Academia Portuguesa de História, que muito se tem distinguido em trabalhos de investigação da sua especialidade, e em inúmeros escritos e palestras, onde deixa a marca pessoal da sua vasta erudição e cultura.

Na carta em que, com extrema cortesia, obsequia com felicitações a iniciativa de «A Voz de Loulé», faz referência ao ensino que teve de prestar justa homenagem ao Dr. Francisco Xavier de Ataíde Oliveira, em Outubro passado, durante o

colóquio entabulado na Academia Portuguesa de História, integrado nas comemorações do Centenário da Morte de Herculano.

O estudo que então ali proferiu subordinou-se ao título: «Cem anos de história algarvia (1850-1950)».

A mesma carta era também portadora das respostas ao questionário que lhe havíamos endereçado.

Usando de um poder de síntese admirável o Dr. Alberto Iria, condensou nas mesmas o seu pensamento sobre os trabalhos literários do Dr. Ataíde Oliveira, que sobremaneira

(continua na pág. 5)

Já se conhecem os incriminados da destruição do carro do subchefe da PSP local

(VER PÁGINA 3)

Crónica Carnavalesca

Ai Povo... Se os políticos acordam...

É verdade, se eles acordam. O que te vão dizer, o que te vão fazer.

Vão-te dizer que isto vai mal... e dão-te outro pacote.

Vão-te dizer que somos uns cidadãos bestiais, com muito civismo, etc... e pedem-te os teus votos.

Vão-te dizer que as coisas não

estão tão mal como tudo isso... e dão-te carapaus a 100\$00 o kg, porque bacialhau...

Vão-te dizer que somos um povo intelectualmente evoluído, com escolas, universidades, serviços de saúde à escala nacional, protecção à infância e à terceira idade, etc... e se tu quiseses comprar um simples livro

(continua na pág. 5)

ATENÇÃO AOS PAIS DOS ESTUDANTES

Trate já do bilhete de identidade
para filhos menores de 13 anos

(LER 3.ª PÁGINA)

Escola Preparatória de Loulé

(continuação da pág. 1)
tecção ao estado do tempo, foi acrescentado de mais dois pavilhões.

Vieram, portanto, à ideia uma entrevista com a Comissão Directiva constituída pelos professores Dr.ª Odete Guerreiro, Dr.ª Elka Oliveira e Padre Almeida Coelho, os quais prontamente acederam.

Aqui damos, portanto, à estampa as palavras ouvidas à Comissão Directiva e que constituem um libelo acusatório contra a negligência e o ostracismo que fizeram desta escola a sua própria imagem.

Voz de Loulé — A precariedade destas instalações dão-nos a ideia das deficientes condições em que funciona. Há algum vislumbre, de que este estado de coisas se modificará dentro de algum tempo?

Dr.ª Odete Guerreiro — Eu conheço esta escola há 6 anos e desde sempre os professores que aqui trabalharam manifestaram grandes preocupações no sentido de que era impossível trabalhar com as condições que esta escola oferece. Mais concretamente, depois do 25 de Abril, e mais concretamente ainda, o ano passado, formou-se nesta escola uma comissão de professores que decidiu arrancar definitivamente com o problema e alertar as autoridades competentes, tanto locais como de Lisboa para o facto de nós não pudermos continuar a leccionar as crianças matriculadas neste estabelecimento.

Portanto, a comissão foi criada, foi redigida uma moção que essa comissão de professores apresentou em sessão pública na Câmara de Loulé pedindo o auxílio desta autarquia local para nos ajudar a resolver o problema.

Eram focadas nessa moção, as condições péssimas pedagógico-didáticas aqui existentes. A Câmara, nessa altura, disse que não lhe competia tratar desse assunto, mas, como a escola fizesse uma reunião de encarregados de educação e arranjasse uma comissão de pais que também pressionou à sua maneira — têm sido extraordinários, realmente — nós convocámos a Câmara para uma reunião na escola — temos provas fotográficas e documentais dessa reunião. A comissão de pais sugeriu então várias hipóteses para a Câmara nos auxiliar a resolver o problema, porquanto a Câmara apresentava o problema da falta de terreno.

A escola de Loulé, segundo o Ministério da Educação já poderia estar construída. Só não está construí-

da porque o Conselho não consegue terreno para a construção da escola.

Nós achamos que, é a vergonha máxima do Concelho de Loulé, ter a Escola Preparatória que tem. É a vergonha do Concelho e é a vergonha das autoridades do Concelho.

Portanto, como a Câmara se visse bastante pressionada por nós, acedeu a colaborar, aliás da melhor vontade. A Câmara disse então que iria por seu lado fazer o possível. A partir daí, nós não tivemos mais contacto nesse sector.

Acontece que, eu como faço pessoalmente parte da Assembleia Municipal, sempre que posso nas suas sessões também levanto o problema da Escola Preparatória. O senhor, aliás é testemunha disso.

Acontece, pois, que nós temos tido várias vezes visitas de elementos do Ministério de Educação. Todos esses elementos têm reconhecido que é um acto quase de heroísmo o dar aulas nestas instalações, porque com a chuva as aulas são completamente inundadas! As aulas funcionam com os pés das crianças metidos dentro de água, porque não se pode estar na ala de aula com as portas e janelas fechadas. Abre-se assim a porta, para se não abrirem as janelas e a água entra até ao meio da sala. Além do mais, o barulho da chuva no telhado ou no tecto que é de chapa de lusalite, ecoa de tal sorte que as pessoas na aula não ouvem os alunos, havendo dificuldade, realmente em estabelecer capazmente uma conversação.

Por outro lado, no verão, pois o calor é enorme, as crianças suam e cansam-se e não é num estado de fadiga que as lições são compreendidas da melhor maneira.

Padre Oliveira Coelho — Convém frisar o seguinte. Disseram-nos que a Câmara já tinha conseguido o terreno, para a nova Escola Preparatória. E, concretamente, o sr. Presidente da Câmara disse-me a mim que o mesmo tinha sido aprovado por entidades do MEIC e que era lá em baixo, em S. Francisco onde se situava, que iria ser construída a nova escola.

Eu queria fazer um reparo, em nome da Comissão Directiva e dos restantes professores. É que se tivesse decidido o local do terreno com pessoas do MEIC sem que a Escola tivesse sido consultada para o assunto.

Portanto, nós ficamos pesados pelo facto, não é verdade?

Dr.ª Odete Guerreiro — Tudo

quanto se está a passar, se alguma coisa está a passar de facto, a Escola desconhece directamente o que de concreto ocorre.

V. de L. — Em relação ao ano transacto houve alguma diferença sensível na actual «população» estudantil? Algum índice de crescimento notório?

Dr.ª Elsa Oliveira — O número de alunos deste ano, em relação ao ano escolar anterior variou pouco, em virtude de uma grande parte de retornados terem-se dirigido para outras zonas do país. Por outro lado, uma grande parte de alunos de Almancil, Vale Judeu e das Quatro Estradas, que costumavam frequentar o Liceu de Faro, passaram para aqui, afluindo a esta Escola.

V. de L. — A Escola, dadas as suas instalações não estará demasiadamente lotada de alunos?

Dr.ª Odete Guerreiro — Quanto a este problema, acontece o seguinte: nós sugerimos que a única solução possível e aceitável, neste momento, é a construção de uma Escola Preparatória na serra do Concelho. Com isso não queremos dizer que não fosse útil e extremamente necessário, que fosse precisamente desbloqueada a população escolar do ciclo preparatório, visto que ele é obrigatório. Neste momento todas as crianças deitam frequentar o ensino preparatório. A solução seria desbloquear esse número de alunos com a construção ou pelo menos com a criação de postos de ensino preparatório sobretudo para os lados da serra e em Quarteira que já tem uma população escolar razoável, que justificava. Portanto, esta seria uma alternativa que não evitaria a construção de uma escola na sede do Concelho.

V. de L. — Como tive ocasião de verificar o ginásio não funciona porque realmente está em estado perigoso, pronto a ruir, para ser utilizado. Como é que é administrada esta disciplina?

Dr.ª — Para precisamente obviar à deficiência, no que respeita a pavilhões gímnosportivos e actividades desportivas, a Escola, por intermédio de delegados da educação física, pediu à Câmara a cedência do estádio contíguo para serem lá dadas as aulas de educação física. Isto em certos períodos do ano. Claro, evidentemente, quando chove ou quando faz demasiado calor essas aulas são suprimidas.

V. de Loulé — Tive ocasião de falar com alguns encarregados de educação, que me fizeram alusões às dificuldades que os alunos sentem na água para beber. Isso confirma-se?

P.e Oliveira Coelho — Confirma-se perfeitamente porque só têm possibilidade de beber no bufete. No entanto, onde eles costumam beber é precisamente nas torneiras das casas de banho, onde lavam as mãos.

Isso não serve higiénicamente, e o bufete onde pedem água ao contínuo, pois é um cubículo tão pequenino que não cabem 2 ou 3 alunos ao mesmo tempo.

«A Voz de Loulé», n.º 661 de 9-2-78
**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ**

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

No dia 1 de Março, às 10 horas, neste Tribunal e na acção especial de venda de penhor n.º 60/76 da 2.ª Secção que o Banco Português do Atlântico move contra Norwest Hoist (Portugal) Urbanização Imobiliária do Algarve, Lda., Aldeia do Golf, Vilamoura, Quarteira, e Mário Miguel dos Santos Sanches e mulher Maria Leonor dos Reis Oliveira Sanches, rua Mariano Coelho, 12, 1.º, esq., Setúbal, serão postos em praça, para serem arrematados, aos maiores lances oferecidos acima de, respectivamente, 336 600\$00 e 80 000\$00, o 1.º andar, mais a nascente, do prédio denominado Bloco 4, Vilamoura, Quarteira, descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 36 854, a fls. 112 v.º, do livro B-94, e respectivo recheio constituído por mobiliário, equipamento e decoração.

Loulé, 20 de Janeiro de 1978.

O Escrivão de Direito,
Mário Meira Torres Veiga

Verifiquei — O Juiz de Direito,
João Maria Martins da Silva



AGRADECIMENTO

**MENINA DORA MARIA
DO BRITO COELHO**

Seus pais Joaquim Manuel Coelho e Maria de Lurdes Ramos Brito e restante família, receando cometer qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas de todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada, numa sentida manifestação de pesar que não poderemos esquecer.

VENDE-SE

Horta do Ascensão em Loulé, com 1 hectar e casa de habitação. Informa pelo Telef. 24600 — FARO.

(4-3)

«A Voz de Loulé», n.º 661 de 9-2-78
**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ**

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé, nos autos de acção de divórcio litigioso com o n.º 222/77 que correm termos pela 1.ª secção, em que é Autor Carlos Manuel Jacinto Cabrita, técnico de máquinas, residente em Alte e Ré GRÁCIA MARIA DOMINGOS DO NASCIMENTO SILVA CABRITA, mulher do Autor, residente em parte incerta da Holanda e com o último domicílio conhecido no País, no sítio do Monte de Brito, freguesia de Alte, concelho e comarca de Loulé, é esta Ré citada para contestar, querendo, devendo apresentar a sua defesa, que poderá englobar a do pedido de assistência judiciária, no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, consistindo o pedido em a acção ser julgada procedente e provada e, consequentemente, ser decretado o divórcio entre A. e R., com base nas alíneas f) e a) do art.º 1778 do Código Civil, aplicável por força do disposto nos art.ºs 1792 do mesmo Código e 4 do Decreto 261/75 de 27 de Maio e o pedido de assistência judiciária na dispensa total de preparos e do prévio pagamento das custas por parte do Autor para que a acção possa prosseguir seus trâmites até final, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra na secção à disposição da Ré.

Loulé, 26 de Janeiro de 1978.

O Juiz de Direito,
a) Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,
a) João do Carmo Semedo

VENDE-SE

Kawasaki 250 cc. Trail, Mod. F-11 — 12 000 Km. Informa Telef. 65457 — QUARTEIRA.

(4-3)

COZINHEIRA Precisa-se

Para a Casa de Pasto «Nascar do Sol», Campina de C'ma — LOULÉ. Informa no próprio local.

VENDE-SE

Ford Consul c/ motor Diesel. 250 contos. Informa Telef. 65457 — QUARTEIRA.

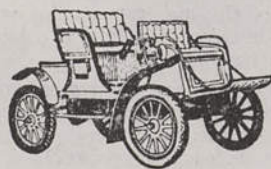
(4-3)

A CONSTRUIR NO CENTRO DE LOULÉ



Vendem-se apartamentos

T-O



Um automóvel para si

Os elevadíssimos preços dos automóveis novos aconselham a pensar na aquisição de um veículo em 2.ª mão. Nós podemos servi-lo bem em preços, em qualidade e em honestidade de processos de trabalho.

Por isso é extremamente vantajoso para si que, antes de se decidir pela compra de um automóvel de confiança ou se pretende trocar ou vender o seu, contacte com

STAND MEALHA

Rua Serpa Pinto, 20 ★ Telef. 62166 ★ LOULÉ

TERRENO

Compra-se c/ 3 a 10 ha perto da costa, ou junto da estrada Faro-Portimão.

Escrever para A. J. Martins — R. Vasco da Gama, 88 — QUARTEIRA.

(2-2)

VENDE-SE

Apartamento mobilado em Olhão. 650 contos. Informa telef. 65457 — QUARTEIRA.

(4-3)

COMPRA-SE

Terreno próximo de Quarteira. Informa telef. 65457 — QUARTEIRA.

(4-3)

O ZÉ INSURGE-SE: «HÁ APENAS QUEM SE DEDIQUE A FAZER RENDER O PEIXE»

Nesta grande controvérsia nacional que no fundo consiste, no produzir ou não produzir, para que a economia se anime, sem derrapagens na travagem da inflação ou no equilíbrio da «balança comercial» (que o mesmo é dizer de «pagamentos»), há quem faça especulação ou, por outra, faça render o peixe, só para mandar às urtigas o trabalho e regalar-se com a «mais valia».

É uma maneira de ver, mas o Zé está convencido que isso afinal é, em resumo, uma miopia social, que passa até para outras bancadas e tribunais.

Tal o caso do palavrório de feira, hoje epidémico, que é lançado como cortina de fumo sobre os boquiabertos ouvintes, mais admirados da cusada estultícia dos oradores do que da consistência da sua argumentação.

Também esses, fazem à sua maneira «render o peixe», blasonando sonoras e bombásticas diatribes misturadas de palavras tiradas do vocabulário político. Papagaios!

As prebendas lá estão, entretanto, a assegurar o sustento da aranga que mais se ocupa de futilidades do que das mil e uma soluções de que o País anda carecendo.

Há problemas e problemas à espera de remedeio, no entanto, sobem ao primeiro plano das conversas, mesquinhas rivalidades que afogam, no tempo gasto em pseudo subtilidades dialécticas, os vagares da reflexão e da acção verdadeiramente objectivas.

Ao Zé parece que o País deve muito ao labor de uns tantos, que mais se dedicam às suas ocupações e se quedam na abstenção de palavras, pois estas só lhe provocariam

impecilhos, além da perda «sumptuária» do seu rico tempo tão necessário ao ganha-pão quotidiano.

Não lhe passa por isso despercebido que em plena Assembleia da República se comente que a percentagem dos abstencionistas é maioritária!

Pudera, quem acredita só em palavras se estas não assentarem em realidades palpáveis?

É das vitaminas, «realidades e factos», que a anímica oratória anda a precisar, a menos que, a fogosidade dos palradores se deixe enebriar pelo seu próprio eco.

No fundo é apenas uma embriaguez como outra qualquer.

O Zé Ninguem

Já se conhecem os incriminados da destruição do carro do subchefe da PSP local

Foi a 8 de Julho do ano passado que, a coberto da calada da noite, um grupo de indivíduos fez explodir, na Rua Gen. Humberto Delgado, a viatura «Datsum» 1000, chapa matrícula BP-45-76, ali estacionada, pertencente ao sub-chefe da PSP de Loulé, sr. Joaquim Afonso da Silva.

A partir daí foram levadas exaustivas investigações para deslindar o caso e apurar responsabilidades pelo criminoso acto.

Pois, apesar da demora que a ocorrência provocou, foi no entanto culminada com a detenção de indivi-

QUADRA À ESTRADA DE SARNADAS

Uma singela carta foi-nos remetida de Sarnadas, que fica compreendida dentro da área concelhia de Loulé.

Quem a escreveu não é decerto pessoa letrada, mas deixa transparecer o seu encantamento algo poético por uma via que muito representa, em progresso, para a localidade à qual o subscritor pertence.

Uma simples entrada converte-se no mote de uma quadra de sabor popular mesclado de ingenuidade...

É que a estrada conduz a outras benfeitorias que Sarnadas aspira e de há muito talvez sonhe: à iluminação e à camioneta, que ainda passam de largo.

Mas é bom pensar nisso, é bom acreditar que a vontade tam-

bém representa um trunfo de valia e de influência, a pesar na incógnita do destino.

Por isso o autor, vai directo ao assunto usando da linguagem do povo, caracterizada por forte conteúdo substantival e verbal:

Já temos uma melhoria
A estrada nos compete
Só queremos a iluminação,
E mais tarde a camioneta.

Querer é poder. Esperamos que o adágio se confirme, no mínimo tempo possível.

Ginástica desportiva

Organizado pela Delegação Regional de Faro da Direcção Geral dos Desportos decorreu, durante todo o dia 29 de Janeiro, Domingo, no Pavilhão Gimnodesportivo de Faro, um «Estágio de Evolução Técnica de Ginastas».

No referido Estágio participaram 72 jovens ginastas e 18 monitores animadores dos novos núcleos de Vila Real de Santo António, Tavira, Cavacos, Olhão, Faro, Silves, Tunes e Portimão.

VIAGEM ÀS CIVILIZAÇÕES MILENÁRIAS

II — O ADEUS A ATENAS

Estávamos na última manhã a ser passada em Atenas e, por conseguinte, tinha que ser o melhor aproveitada possível.

A nosso pedido fomos despertados às 7 da manhã e, depois do pequeno almoço, fomos à Catedral de S. Dionísio, a única católica existente. A missa estava a ser celebrada por um padre italiano coadjuvado por mais quatro padres portugueses que se encontravam aqui de passagem, rumo à Terra Santa. É domingo e a igreja encontrava-se cheia de católicos de variadíssimas nacionalidades; assim, para que todos entendessem, as cerimónias eram descritas em latim.

Um salto, e agora estamos na Catedral de Atenas dedicada à religião ortodoxa. Cheia como um ovo. Devido à novidade para nós, gostámos imenso de todo o conjunto cerimonial. Muitos sacerdotes, talvez uns quinze, luxuosamente vestidos, de extensas barbas, com cânticos que enchiam o

O tempo ia passando mais rápido do que queríamos e tínhamos mais programa: o mercado matinal do bairro típico e castiço do Plaka. Faz-nos lembrar a Feira da Ladra de Lisboa, ou o Mercado do Rastro de Madrid, mas com uma

RANCHO FOLCLÓRICO DA LUZ DE TAVIRA NA BÉLGICA

Encontra-se na Bélgica o Rancho Folclórico da Luz de Tavira que ali está efectuando várias actuações numa campanha de promoção do turismo algarvio. A deslocação efectua-se a convite da «Reisen Center» (operador turístico belga) com a colaboração do Centro de Turismo de Portugal em Bruxelas e da Comissão Regional de Turismo do Algarve. O regresso do Rancho Folclórico da Luz de Tavira, que é acompanhado por João Lima, dos Serviços de Relações Públicas da CRTA, está previsto para 7 de Fevereiro.

Intrusos «visitam» a creche de Loulé

Conforme nos dão notícia o edifício onde funciona a creche de Loulé, continua a ser «visitada» a horas adiantadas da noite, por indivíduos que tentam subtrair alimentos ali depositados e ligados à sua missão social.

Há suposições de que os intrusos sejam jovens que visam dar largas à sua turbulência.

De qualquer modo é reprovável que façam alvo de actos desatinados uma casa que se dedica a uma função de apoio à criança, e que deveria merecer a maior ponderação.

melhor estrutura e organização. É enorme e pudemos unicamente visitar uma única rua, embora de grande comprimento. Ali vende-se de tudo: desde as recordações tipicamente gregas aos discos do Zorba, tocados em altos gritos.

Aproximava-se o meio-dia e tínhamos que continuar: agora assistimos ao render da guarda, em frente ao Palácio do Parlamento, com os guardas trajados de maneira original e com cerimónias interessantíssimas. Não têm o apato com o que se vê em Londres com os guardas da rainha, mas de qualquer maneira é espectáculo a não perder.

De regresso ao hotel, pelo caminho e mesmo junto a nós, presenciámos um acidente de viação, embora sem consequências, além das latas amolgadas: numa curva um táxi apertou um automóvel particular e... foi a colisão. Nada de discussões, nada de insultos, como em Portugal é o pão nosso de cada dia.

Com as malas aviadas, rumamos para o aeroporto. Para nós é a parte mais aborrecida das viagens, devido às confusões originadas pela grande aglomeração de pessoas, às burocracias enervantes, e às quase inevitáveis esperas de duas, três, ou mais horas. Por exemplo, chegámos lá às 14 horas e o avião, da TWA, só partiu para Telavive às 18 horas.

Como o destino é Israel, todas as cautelas são poucas, não vá surgir algum brincalhão que se lembre de levar alguma bomba na bagagem. As malas são todas minuciosamente revistadas, as pessoas passam por dois sistemas de segurança e, para nós novidade, as bagagens de mão são radiografadas através de um processo incrivelmente automático e rápido, que mostra imediatamente num visor o retrato interior do que a malinha de mão leva. Bisbilhoteiros!...

I CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO POETA AFONSO LOPES VIEIRA

Na cidade-natal, em Leiria, do grande poeta Afonso Lopes Vieira, deram-se início às comemorações do I Centenário do seu nascimento, transcorrido no dia 26 de Janeiro.

As celebrações tiveram o seguinte programa: missa na Sé Ca-

tedral, concelebrada pelo Bispo da Diocese, com homília alusiva ao poeta; sessão de abertura na Câmara Municipal com conferência do Dr. David Mourão Ferreira, actual Secretário de Estado da Cultura; inauguração da Exposição Bio-Bibliográfica, na Biblioteca Afonso Lopes Vieira; noite de gala de homenagem ao poeta, durante a qual após as palavras do presidente do Município, Carlos dos Santos Pimenta, houve concerto de piano pela professora Cristina Pimentel, declamações, actuação orfeónica, e bailados pela Companhia Nacional de Bailado.

As comemorações encerrarão em 25 de Janeiro de 1979, com a inauguração de um monumento da lavra do escultor Joaquim Correia.

Bilhetes de Identidade para menores de 13 anos de idade

Cabe-nos lançar aqui deste jornal um apelo no sentido de alertar os pais ou encarregados de educação para os inconvenientes de deixarem para o Verão a obtenção dos Bilhetes de Identidade dos seus filhos ou educandos, menores de 13 anos de idade (inclusivé).

No período de estio, verifica-se uma corrida à Conservatória do Registo Civil local, para o efeito aludido, ocasionando então não só o congestionamento dos seus serviços como também a formação de extensas bichas, com todo o seu cortejo de demoras.

Para evitar todos os contratempos daí resultantes, é aconselhável assim providenciar-se antecipadamente e desde já a obtenção dos referidos Bilhetes de Identidade, que beneficiam, até aquela idade, da redução de 20 por cento.

NO ALGARVE AS AMENDOEIRAS ESTÃO EM FLOR

(continuação da pág. 1)

ano devido à amenidade do seu inverno e ao tradicional e feérico espectáculo das amendoeiras em flor. É assim que as já tão populares expressões «Algarve azul e branco» e «O verão vai passar o inverno no Algarve» ganham, então, maior sentido e significado. Também no inverno o mar e o céu do Algarve permanecem sempre imaculadamente azuis ao mesmo tempo que nestas paragens a branca e invernal neve cede o seu lugar à primavera brancura rosada das amendoeiras em flor.

Perante a grandiosidade da paisagem dos pomares e campos em flor, alguns turistas prolongaram as suas estadias no Algarve ao mesmo tempo que começam já a organizar-se as habituais excursões que todos os anos trazem de todo o país milhares de viajantes para gozarem um espectáculo da Natureza considerado único em todo o mundo.

MOBÍLIA VENDE-SE BARATA

Vende-se, barata, uma mobília de sala, forrada, de damasco, estilo Império, patente no escritório do solicitador João Iria, em Loulé.

TURISMO

As receitas do turismo em Portugal, de Janeiro a Agosto, beneficiaram dum aumento de 78,1%.

Aquela pistola de brinquedo... se fosse a valer podia matar

Lemos no jornal «O Distrito de Setúbal» um comentário que nos deu para pensar: um garoto de 9 anos matou a companheira de folguedos de 11 anos... com um tiro de caçadeira.

Temos aqui apenas a inversão fatídica de um brinquedo que virou verdadeiro e deu tragédia. O garoto, de brincadeira, disparou uma arma autêntica, e sem querer ceifou a vida de uma inditosa menina, tão ingénua quanto ele.

Verbera o jornal: «os mais velhos são os culpados».

Se há realmente negligências e negligências inconsequentes e até perigosas é esta: a de deixar ao alcance das crianças armas de fogo.

Mas também impensadamente, há outras não menos cúmplices: o de se oferecer às crianças certas armas de brinquedo.

As crianças pegam nas pistolas ou espingardas de fingir e apontam-nas para qualquer alvo e desaparecem.

Simples brincadeira, sem consequências a lamentar. Uma diversão como outra qualquer.

O pior pode acontecer, quando a criança encontra à mão de semear um «brinquedo» que não é inofensivo. Quere brincar com ele e... mata.

O paradoxo também por vezes acontece, lamentavelmente.

Textos Populares da Tradição Algarvia

A Cantiga do Don-Don

Pela Dr.ª

ALIETE FARINHO D. GALHOZ

A memória de meu pai e mãe de meu avô e avózinha.

Ao lado dos poetas populares que se tornam conhecidos, ou celebrizados, como António Aleixo, e das cantigas que grupos regionais vão conservando nos seus repertórios, a contribuição dos estudiosos e dos simples curiosos também é valiosa para a preservação de tradições e textos que só a memória de nossos maiores ia transmitindo e que nos surpreendem ou nos enchem de respeito pelas relações de cultura que lhes encontramos e pela história viva que significam para a nossa língua. Além da beleza ou do sentido que tenham, por vezes, muitas vezes, de extrema qualidade estética, não é incomum encontrar nessas lembranças, que o nosso cuidado transforma em documento escrito ou sonoro, expressões peculiares de uma região, adequadas e expressivas no seu meio próprio, ponto de comparação e estudo com outras formulações com a mesma função e sentido, bem como termos e maneiras de dizer caídos em desuso e que nos remetem para fontes e analogias de emprego antigas de séculos, riqueza para os linguistas que se ocupam do estatuto da língua ao longo do tempo. Assim, um destes pequenos documentos culturais populares pode servir de contributo, modesto que seja mas frequentemente exaltante, para a história da cultura e, por exemplo, para a linguística interessada na dialectologia e/ou interessada no aspecto diacrónico da língua como já referimos atrás. Vou exemplificar com uma pequena achega que não pretende ser bairrista, o que seria despropósito e feio, mas começa pela minha terra natal, o que se compreende pelo fenómeno duma melhor compreensão e enraizamento.

No fim dos meus estudos universitários, despertada pelas aulas e trabalhos do prof. Dr. Lindley Cintra, comecei a tomar mais atenção ao que ouvia à minha volta, quando estava em férias com os meus familiares, e a apontar uma ou outra coisa. Numas férias de 1954, creio, já estando a trabalhar como professora num liceu, ouvia o meu Avô, Manuel Rodrigues Farinho, lavrador do sítio de Valjudeu, concelho de Loulé, numa cantiga que achei curiosa e que transcrevi então à mão e com cuidado de ser fiel ao que ouvia. Meu Avô tinha mais de 70 anos a essa data e recorde-me que me disse que esta cantiga era cantada na festa com representação teatral na praia da Quarteira. Era tradição velha e ainda no princípio deste século se mantinha. Mais não aprendi de suas circunstâncias mas creio que aos meus patrícios do concelho de Loulé, nomeadamente os naturais de Quarteira, não será difícil reconstruir informações e quem sabe se recolher outros textos correlacionados com esta festa. Prossigo, portanto, referindo o mais que, inesperadamente, coligi sobre este texto.

Uns anos depois, consultando livros de folclore brasileiro, para confronto com os nossos romances populares, pois colaborava nessa altura na preparação da edição do Romancário português recolhido pelo Professor Dr. José Leite de Vasconcelos, dei por mim a traçar um trecho que me caiu sob os olhos, reconhecendo-o em parte. Fui à procura e não havia dúvida, era a minha «cantiga de don-don», que ouvira a meu Avô, numa versão mais extensa, dispostas as estrofes em ordem diferente, mas não mais fidedigna recolha do que a nossa. Refere o autor do livro que fazia parte de representações teatrais costumeiras no litoral

brasileiro nos começos do século XIX e de que se foi perdendo a unidade e a independência; na sua recolha está incluída numa miscelânea de autos populares e danças do Brasil e faz parte de uma unidade que seria a de uma «chegança dos marujos». O livro em questão é da autoria de Gustavo Barroso, «Ao som da Viola, Folk-Lore», liv. ed. Leite Barreiro, Rio de Janeiro, 1921 e foi-nos generosamente emprestado para consulta de trabalho pela Biblioteca do Convento de Sto. Alberto Magno, Dominicanos de S. Paulo, a quem começamos a pagar dívida de reconhecimento com estes modestos trabalhos de divulgação. A origem adoptada pelo compilador, para esta miscelânea, onde está o nosso texto comum aqui em causa, é da região do Ceará, nordeste brasileiro.

(Conclui no próximo número)

É urgente saber-se como é gasto o dinheiro das cotizações sindicais

DE COMO 200 «CHICOS - ESPERTOS» ROUBAM 60 000 INCAUTOS

Esses «gloriosos duzentos» são os que apoiaram a Direcção comunista do Sindicato do Comércio do Distrito de Lisboa na «distribuição» de seis mil contos a entidades mais ou menos ligadas, do ponto de vista ideológico, àqueles «camaradas» de partido...

Um pouco por todos os Sindicatos e Empresas se passa o mesmo: grupos minoritários põem e dispõem, a seu bel-prazer, dos fundos colectivos, sem que a maioria sequer se aperceba da forma abusiva de malbaratar o produto das quotizações.

E tudo isto é possível porque, aquando das eleições para preenchimento dos lugares de decisão, nos corpos gerentes sindicais, quem acorre disciplinada, cegamente, são apenas os comunistas. Sem desfalecimentos, sem uma falha, sobrepondo-se com os seus sete e meio por cento aos restantes indecisos, comodistas, desiludidos, apáticos, seja lá o que for...

Daí que o resultado final favoreça os que pretendem, de facto, apoderar-se de todo o aparelho político

Apogeu e decadência duma Pátria

Para além das realidades e fantasias da conquista de Portugal aos mouros, com saliência para a Batalha de Ourique — onde segundo a tradição Cristo apareceu a D. Afonso Henriques — e a tomada rápida das cidades de Leiria, Santarém e Lisboa, sem esquecer a acção de todos os reis da primeira dinastia, na consolidação das fronteiras continentais, chegaremos à segunda dinastia, com D. João I a promover os descobrimentos da Madeira e Açores, ao mesmo tempo que iniciava a colonização africana, conquistando Ceuta aos mouros.

Tivemos, assim, o prólogo das descobertas, do estabelecimento do comércio com a Etiópia, culminando tudo, no tempo de D. Manuel I com a chegada de Vasco da Gama à Índia e de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, a que não foi indiferente a Inflicta Geração: D. Duarte, o Infante D. Henrique e D. Fernando — filhos dilectos do casamento de D. João I com D. Filipa de Lancaster, no ano de 1387.

Forjou-se, deste modo, o Mundo Moderno, enquanto D. Francisco de Almeida e Afonso de Albuquerque

conquistavam as terras que iam do Golfo Pérsico a Malaca.

Portugal espalhará-se pelas quatro partes do Mundo.

O espírito aventureiro e missionário do povo português levava até às longínquas terras do Oriente a luz do Cristianismo.

Era, na verdade, a apogeu duma pátria.

Portugal ficara a dever à Monarquia, grandes e relevantes serviços. Dizemos isto, sem qualquer significado político, mas apenas por reconhecimento de uma realidade histórica. Mais tarde, já no Regime Republicano, e depois dos altos e baixos com que Portugal se debateu, o País recuperou económica e financeiramente com o Estado Novo, saído da Revolução do 28 de Maio de 1926, atingindo o escudo a sua maior cotação de todos os tempos, e esse embora o cerceamento das liberdades democráticas. E quando se atingiu o 25 de Abril de 1974, as reservas de ouro montavam a 860 toneladas, acusando a sua balança de pagamentos um saldo positivo. Só a descolonização apressada, sem se ter em conta os

interesses morais e materiais do País, conduziu Portugal à caótica situação política e financeira em que hoje se encontra. Isto não quer dizer que não reconheçamos o direito à autodeterminação das nossas colónias. Simplesmente, entendíamos que tal se deveria conduzir com maior cuidado e por forma a transformá-las em novos Brasis, sem as lutas fratricidas em que caíram algumas delas.

Portugal sofreu um duro golpe com tudo isto. A própria dignidade nacional e a independência têm sido postas em causa.

É a maior decadência de todos os tempos.

Impõe-se, por isso, um esforço nacional para sairmos da precária situação em que nos encontramos.

Só com a união de todos os portugueses, independentemente de credos ou ideologias políticas, será possível salvar Portugal. Façamos, pois, esse esforço, porque a Pátria bem o merece e o recompensará. Este, é um dever que se impõe, a quantos ainda não perderam o amor pela terra em que nasceram.

Eduardo Machado Pinto

A FILOSOFIA DO REALISMO EMPRESARIAL

O último número da «Equipotel» inclui uma extensa entrevista com Fernando Barata, sobre pontos gerais de grande interesse e actualidade e sobre «a filosofia» que preside à «expansão» que, segundo a conhecida Revista da especialidade, se vem verificando nas suas organizações hoteleiras «a passos largos» e que as fez já adquirir «uma dimensão internacional, espectacular».

Nessa entrevista, Fernando Barata analisa sucintamente a indústria hoteleira nacional, salientando serem «imprescindíveis uma nova concepção de serviço e uma nova concepção de trabalho», uma vez que os «salários baixos», o «excesso de pessoal» e o «serviço luxuoso» anteriores ao 25 de Abril são hoje impraticáveis. Considera, por outro lado, que «Sindicatos e conflitos laborais existem em toda a parte onde existe democracia», mas que «há que banir por completo todos os resquícios do espírito anárquico que reinou, com comícios e plenários para decidir até sobre se — passe a caricatura... — o papel higiénico nos lavabos devia ser branco ou amarelo».

No que concerne à política oficial que vem sendo seguida, classifica de «positiva» a instituição legislativa dos contratos de viabilização, de «escandalosas» as taxas de juro em vi-

gor para os financiamentos bancários e de «ultrapassada» — «parece» — a fase de julgar-se «crime tentar tirar lucro da exploração turístico-hoteleira».

Questionado acerca dos métodos de gestão que usa e preconiza, Fernando Barata afirma orientarem-se sobretudo «no sentido de uma acentuada modernização, racionalizando custos, simplificando processos, mecanizando funções e controlando apertadamente os diversos circuitos».

E, quanto a si, «não devem alimentar-se ilusões» no que respeita à possibilidade de o Algarve trabalhar turisticamente os 12 meses («porventura com uma única excepção, a de Albufeira»); a realidade local «é igual à da Riviera francesa ou italiana e à da costa espanhola ou, no Inverno, à das principais cidades suíças»; «turismo e hotelaria sazonais, há-os, por toda a Europa desde há 30 anos»; os profissionais algarvios terão no futuro de labutar, durante a estação, como os seus colegas estrangeiros, «12 horas diárias em 6 dias por semana»; e impõe-se abrir muitos hotéis «só à época», mantendo certos outros a funcionar no Inverno «com o pessoal-base», acrescido depois, de empregados eventuais «à medida que necessitem».

QUARTEIRA



FRANCISCO GUERREIRO DE SOUSA

AGRADECIMENTO

Mara Nélia Madeira Galo de Sousa, filhas e restante família, ainda sob a influência do duro golpe que sofreu com a perda inesperada do seu ente querido, vem a público manifestar o seu agradecimento a todos quantos, no terrível transe por que passou, procuraram trazer o seu conforto, demonstrativo de real amizade e de espírito cristão.

Igualmente agradece a todas as pessoas que tiveram a bondade de acompanhar à sua última morada o saudoso e querido extinto, numa demonstração de amizade que não pode esquecer.

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Na estrada caminhe sempre pelo seu lado esquerdo

circular e viver.

Faça publicidade em «A Voz de Loulé»

(De «O Diabon»)

CRÓNICA CARNAVALESCA

(continuação da pág. 1)

de cultura geral não tens hipóteses económicas... se tens filhos de tenra idade, desenhasco e os velhos... que Deus os ajude.

Vão-te dizer que no tempo da outra senhora o gajo era um malandro... mas tu olhas à tua volta e tens medo de comentar.

Vão-te dizer que o futuro é nosso, que os nossos filhos vão ter acesso aos mais altos voos na evolução social e cultural... e tu vês mais insegurança para ti; e para os teus filhos o futuro mais sombrio.

Vão-te dizer que tudo o que fizeram após o 25 de Abril tem sido para teu bem... e tu olhas para as tuas débeis posses e cada vez te revoltas mais por verificares que o teu poder de compra anda como o caranguejo, em vez de subir, desce (a me-

nos que façam um biscato de contrabando).

Vão-te dizer que és o mais bestial do mundo (tudo parece dizer que sim... bestial) e que tudo o que te está a acontecer é para teu bem, que tu és que não estás a ver as coisas pela cnda deles, que realmente agora te estão a lixar ligeiramente, mas é para bem de todos... e tu cada vez andas mais lixado (leia-se «ligeiramente aborrecido», ligeiramente?), que a tua liberdade tão apregoada é só a de dizeres o que queres e mais nada, e mesmo assim isso de dizeres o que queres é tudo treta, porque se dizes o que queres é o que dizes não agrada sabe Deus (e nós também) a quem, és capaz de sofrer algum desgosto (ou teres alguma coisa de presente bastante desagradável).

Mas fica descansado Povo que eles

não acordam, continuarão a sonhar com alfices, rabanetes, lingotes de ouro e ferro, com cadeiras de espaldar de cabedal, com Palácios e seus jogos palacianos... portanto Povo só tens que ter cuidado, quando passares pelo corredor do santo (será Bento?) passa nos bicos dos pés não vás acordar ninguém, porque senão... senão eles acordam, e em vez do sonho doirado, são capazes de se aperceberem que as águas do Tejo vão aumentando de volume com tantos barcos... de miséria, de ignorância, de medo e de demagogia. E que Almirantes eles encontrarão por lá...

Bom, é melhor que eles não acordem tá bem? Se acordam são capazes de se lembrarem que essas histórias dos pacotes, dos cabazes, e de outras coisas, não prestam e toca a inventarem outras coisas, quem sabe? desemprego, bichas para tudo e para nada, e nunca se sabe se mais alguma coisa parecida com uma Revoluçãozinha em nome de... Já sei, em nome da Democracia. Sim, da Democracia, aquela senhora que diz que somos todos iguais e realmente somos todos iguais... no pagar, porque nas outras coisas somos parecidos, não é verdade? O quê, estás a falar na luz eléctrica nas nossas aldeias? Temos pois... nalgumas.

Mas olha, pelo sim pelo não, não os acordes porque de qualquer forma tens sempre que bater palmas e como o outro diz: lixado por um... e não os acordes por mais uma razão e de peso. Eles não te querem ver pendurado num qualquer poste duma qualquer fronteira nem congelado num qualquer frigorífico dos do chamado: Sua Excelência o Contrabando. Se os acordas são capazes de te dar uma açada de G-3, torradeiras e quejandos e isso é indigesto.

Ai de vós políticos se o Povo acordar. Que desolação o que fizestes em nome do Povo. O que ireis fazer mais?

P S. Povo, não tenhas medo do som dos teus passos nos corredores deste teu País. E porque havias de ter medo? Não és tu que tudo pagas? Não pagas as lages, as alcáti-fas, as paredes, os tectos e... as meias solas?

Manuel Bota Espadinha

DR. ALBERTO IRIA

FAZ O SEU DEPOIMENTO
À CERCA DA OBRA LITERÁRIA
DO DR. ATAÍDE OLIVEIRA

(continuação da pág. 1)

nos interessou incluir neste ciclo de entrevistas, que vai agora na sua 4.ª edição.

O questionário referido inquiria o seguinte:

1 — Qual a sua opinião sobre a personalidade e a obra literária desse escritor?

2 — Quais são as suas obras mais representativas?

3 — Acha que, dada a raridade das suas obras, seria aconselhável, em proveito da cultura portuguesa, a reedição das obras do Dr. Ataíde Oliveira?

4 — A providenciar-se essa edição, seria vantajoso inserir-se, paralelamente, uma análise crítica?

DR. ALBERTO IRIA

1 — A personalidade e a obra literária do Dr. Francisco Xavier de Ataíde Oliveira, com todas as suas qualidades e defeitos inerentes à sua própria natureza humana, marcaram no Algarve, logo no alvorecer do século, o grande e exemplar surto inicial das monografias locais. Tiveram então o inegável mérito de registar a presença do Algarve numa época em que, tanto entre nós, como por toda a parte da Europa culta, renascia o devotado estudo e interesse pela história, pelas tradições e pelos usos

e costumes das diferentes áreas regionais de cada País.

2 — Em meu entender, as obras mais representativas do Dr. Ataíde Oliveira, as que maior notoriedade lhe dão ainda hoje, são as monografias locais, os contos tradicionais e as lendas das mouras encantadas do Algarve. A cultura popular deve-lhe também muito.

3 — Dada a raridade das suas obras, raridade cada vez maior no mercado do livro, talvez seja aconselhável a sua reedição, de molde a formar uma colectânea de obras completas do referido escritor, cujo esforço foi, para a sua época, muito digno da gratidão do Algarve de sempre.

4 — A providenciar-se essa reedição, no todo ou em parte, acho vantajoso e indispensável fazer-se, paralelamente, uma análise crítica, de forma a constituir esclarecedora adenda e corrigenda.

PINHO & RILÓ, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

2.º Cartório

Notário: Licenciada Maia
Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 6 do mês corrente, lavrada de fls. 139 a 141, do livro n.º B-51, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Ezequiel Guerreiro Rilhó e Mário de Pinho, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma de «Pinho & Rilhó, Lda.», e tem a sua sede na Rua Projectada à Rua Gago Coutinho, na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

2.º — O seu objecto é o comércio de peixe, produtos hortofrutícolas, sua venda ambulante e transporte dos mesmos, podendo dedicar-se a outra actividade, que os sócios acordem e não seja proibida por lei.

3.º — O capital social é de 100 000\$00, está inteiramente realizado em dinhei-

ro e corresponde à soma de duas quotas, do valor nominal de 50 000\$00, cada, pertencendo uma a cada sócio.

4.º — A gerência fica a cargo do sócio Mário de Pinho, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado.

Para os actos de mero expediente bastará a assinatura de qualquer sócio.

§ único — É expressamente vedado ao gerente obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

5.º — A cessão total ou parcial de quotas depende do consentimento da sociedade, a quem fica reservado o direito de preferência.

6.º — A sociedade não se dissolverá pela morte ou interdição de qualquer sócio.

7.º — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios, com pelo menos oito dias de antecedência.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 9 de Janeiro de 1978.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

Reforma Agrária

DESCOBERTA MAIS UMA FRAUDE QUE RENDEU 300.000 CONTOS

Foi descoberta, há dias, mais uma fraude praticada pelas Unidades Colectivas de Produção e Cooperativas Agrícolas comunistas do concelho de Montemor-o-Novo, com a cumplicidade activa da Comissão Liquidatária e de alguns funcionários do ex-Grémio da Lavoura deste concelho.

Como o MAP deu instruções no sentido de não ser concedido mais crédito agrícola de emergência às Unidades Colectivas com débitos em atraso, as Unidades Colectivas deste concelho usavam o estratagemas de apresentar, em cada mês, através do ex-Grémio da Lavoura, pedidos de crédito para pagamento dos salários, cujo montante era à medida dos débitos a pagar nesse mês, correspondentes ao crédito agrícola de emergência concedido há um ano. Esse dinheiro era seguidamente depositado em pagamento desses débitos, criando-se, assim, a ilusão de que neste concelho não haveria dívidas em atraso.

As Unidades Colectivas podiam, logo a seguir, levantar mais dinheiro do crédito agrícola de emergência, pois tinham a sua situação «resolvida». Assim, a sua dívida ia aumentando mas era protelada de mais um ano e, de todas as formas, como se sabe, não é sua intenção pagar essa dívida.

Esta fraude só agora foi descoberta porque se chegou a uma situação de rotura, quando estão, só no concelho de Montemor-o-Novo, concedidos mais de 300.000 contos em crédito às Unidades Colectivas, dos quais mais de 200.000 contos ultrapassaram o prazo de pagamento.

Atribui-se a autoria desta fraude a um funcionário do ex-Grémio, Valério Casadinho, que se protege cuidadosamente com as assinaturas doutros indivíduos menos espertos, neste caso, dos membros da Comissão Liquidatária do Grémio.

VACAS DE CARVALHO

I ENCONTRO

DE ESCRITORES ALGARVIOS

(continuação da pág. 1)

ratura da Economia, do Desenvolvi-

Os promotores do Encontro escolheram o Hotel Golfinho para realizar todas as sessões de trabalhos, a I Feira do Livro Algarvio, o recital de canto e poesia e o encerramento do Encontro. Após os trabalhos concluiu-se o seguinte:

1. O papel primordial que cabe ao escritor, através não só do livro, mas de outras formas intervenientes na sociedade a que pertence, dentro do espírito de independência que deve caracterizar o homem verdadeiramente livre.

2. A necessidade de uma imediata constituição na cidade de Lagos — onde se regista uma efervescente actividade cultural nos mais diversos domínios artísticos, digna de todos os encórios e estímulos, de um Centro Cultural que dinamize e congregue num esforço comum os valores reunidos neste I Encontro e viabilize as iniciativas propostas.

3. A necessidade de um contacto permanente entre os escritores que compareceram a este I Encontro, no sentido de uma inter-colaboração que permita entre si um melhor conhecimento das suas obras, das suas iniciativas e dos seus projectos literários.

4. A necessidade de preparação imediata do II Encontro que possa

assegurar não só o êxito deste I Encontro, mas também a presença de todos os valores que, por falta de tempo, não puderam estar presentes desta vez.

Do documento constam, ainda, diversas recomendações que apontam um caminho para a resolução dos mais prementes problemas que afectam o Algarve.

Deste Encontro saiu a aprovação dos Estatutos e dos primeiros corpos gerentes do Grupo de Estudos Algarvios — GEA.

Assim, foram eleitos, sob proposta do Grupo que secretariou as sessões de trabalho, os seguintes elementos:

Presidente da Assembleia Geral — Dr. Júlio Filipe de Almeida Carapato.

Presidente da Direcção — António Manuel Cristiano Cerol.

Presidente do Conselho Fiscal — João António Simões Tavares.

«A Voz de Loulé» esteve presente nas pessoas do sr. director e sua esposa e ainda nas dos seus principais colaboradores.

PONTE DO BARÃO

MERECE REPARO

DA JUNTA AUTÓNOMA

DE ESTRADAS

Depois de inserida uma local, que veio publicada na nossa edição de 12 de Janeiro passado, dando conta da triste celebridade que acompanha a «Ponte do Barão», em Albufeira, e eco de um apelo lançado no sentido de ser abrangida numa «zona de desastre permanente», recebemos da Junta Autónoma de Estradas uma carta esclarecedora, que a seguir passamos a transcrever:

Agradecendo a V. Ex.ª a amabilidade dispensada a esta Direcção de Estradas com o envio dum exemplar do vosso jornal datado de 12 do corrente, cumpre-me informar V. Ex.ª que a ponte do Barão está sob a jurisdição da Câmara Municipal de Albufeira em virtude de se enquadrar numa via municipal e não sob a tutela desta Direcção de Estradas porquanto não está integrada numa Estrada Nacional.

Com o esclarecimento supracitado não invalida o nosso apelo, que, na circunstância, se dirige agora, em exclusivo, à Câmara Municipal de Albufeira.

A esta autarquia pois cabe tomar as providências que a sombria notoriedade da Ponte do Barão impõe.

LOULÉ



FRANCISCO DE SOUSA
CORREIA

AGRADECIMENTO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária por desconhecimento de moradas e legibilidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

DESPONTADORAS

— teias —

CASA CHAVES CAMINHA

Av. Rio de Janeiro, 19-B
Lisboa — Tel. 885163

AMENDOEIRA — LOULÉ



MARIA DA RESSURREIÇÃO

AGRADECIMENTO

Sua família, a fim de evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas das pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Agência Cavaco — Loulé



Quotidianos

a crónica de
JOSÉ MANUEL MENDES

Central nuclear em Lago de Mouros (Salir) provoca distúrbios

Vítimas de uma descarga de resíduos radioactivos provin- dos da central nuclear de Lago de Mouros, nos arredores de Salir, próspera sede da freguesia do mesmo nome, pertencente ao concelho de Loulé, têm sido encontrados a boiar nas águas do rio Cadoiço, milhares e milhares de mourões, especialmente dos espécimes Almorávidas e Abássidas que, como se sabe, possuem menor resistência às altas temperaturas das referidas descargas.

Alarmada, a população local acorreu junto do Alcaide da Pradaria, sr. Lobo Pastelão, exigindo o encerramento imediato da central nuclear, sob pena de se assistir à dizimação completa da caça e da pesca, como o parecem indicar as mortes súbitas, e até agora inexplicadas, dos srs. Carlos Pardal, Júlio Pintassilgo e Sebastião Gaivota.

Assustado com a aglomeração das turbas enraivecidas, o Alcaide da Pradaria buscou refúgio, mais a sua criadagem, junto do Presidente da Câmara de Loulé, o qual lhe concedeu de imediato asilo político. Tal posição nem será de estranhar, conhecida como é a convivência que aquele chefe da edilidade municipal manteve com a companhia americana que procedeu à instalação e montagem da referida central nuclear, nomeadamente através de facilidades e concessões, e que, segundo afirmam a pés juntos os seus opositores políticos, lhe valeram o generoso reconhecimento dos patrões «yankees». Adianta-se até, como suposto suborno, a contrapartida de uma dependência particular na Casa Branca, em Washington, com vista para o quarto do Presidente Carter, além de um helicóptero para escapadelas de emergência, que têm estado por diversas vezes à vista, mas que, por um motivo ou por outro, não se têm chegado a concretizar, com bastante mágoa dos seus inúmeros detractores, assinala-se.

Entretanto, encontravam-se enfurecidos pela fuga do Alcaide da Pradaria, os populares de Lago de Mouros, entre os quais se podiam ver algumas personalidades da vida nacional, tais como o baladeiro Zeca Sonso, o poeta Ali dos Cantos e Álvaro Cunhal. Sezinando Tordo também andou pelas redondezas, mas como pressentiu a morte da passarada, deu às asas e fugiu. Chegou igualmente a constar que Freitas do Amaral ali chegara por engano, julgando tratar-se de uma manifestação de apoio ao segundo governo constitucional, mas não pudémos confirmar a veracidade ou não desta notícia.

O certo é que o ambiente ia escaudando de minuto a minuto, acusando o termómetro do guarda-rios, sr. Hermógenes Diapasão, temperaturas próximas das que usualmente são utilizadas pelos administradores da Central Nuclear de Lago de Mouros, quando procedem à evacuação das fezes radioactivas.

Ora a confirmar-se tal hipótese, e na considerada opinião do consagrado cientista de artes ocultas, Dr. Frank Vampiro, corria-se o risco de ocorrer um espirito monumental, proposta que foi rejeitada em bloco pelo plenário ad-hoc que entretanto se tinha formado à porta do Posto da Guarda Nacional Republicana de Lago de Mouros, e onde uma manifestação empunhando dísticos «Contra o Nuclear», «Pela Vida» e «Viva a Urtiga», fez entrega de um protesto, sob a forma de abaixo-assinado, ao chefe do destacamento, sr. guarda Francisco Presunto, que imediatamente jogou o dito protesto para o caixote do lixo, mal a turba se afastou, chamada pelo cheirinho dos petiscos da menina Amélia, conhecida galdéria residente no sopé do Pico Lombardo.

Permanece assim o suspense e a emoção em torno destes acontecimentos recentes, tudo podendo inclusivé acontecer nas horas mais próximas, como muito proficientemente previa na sua edição de ontem no «Turbina Aberta», o conhecido astrólogo José Vilhena. Consoante o evoluir da situação, assim iremos fornecendo detalhes aos nossos estimados leitores.

P.S.: É claro que tudo o que se disse é ficção!...

Com regozijo para Loulé

Ultrapassam os dezasseis mil contos as obras de electrificação do Algarve

Para electrificação de diversas localidades do Algarve foi aberto, pela Federação de Municípios de Faro, concursos que envolvem sete empreitadas orçadas no montante de 16 200 contos.

As zonas abrangidas pelas obras de electrificação em perspectiva situam-se no Concelho de Faro (Bico, Charneca, Castelo e Gambelas), Concelho de Loulé (Franqueada, Pinheiro, Campino de Bai-

xo, Vale de Judeu, Vargem da Mão, Monte Poço, Terras Ruivas, Benfarras, Maritenda, Consequinte, Pedra de Água, Estibeira, Vale do Covo e Monte de João Preto) e Concelho de Silves (Joinal e Barrocal).

Apesar da importância deste acontecimento para o concelho de Loulé, esta notícia colhem-na na imprensa... o que é pena.

E o que mais nos penaliza é que já «antigamente» era assim.

«A VOZ DE LOULÉ» MARCOU PRESENÇA CONDIGNA NO I ENCONTRO DE ESCRITORES ALGARVIOS

O I Encontro de Escritores Algarvios idealizado por António Manuel Cristiano Cerol, resultou, felizmente, melhor que esperávamos, visto que sendo o poder de idealização daquilo muito superior ao de realização, chegamos a duvidar do êxito desta.

Teve a boa ideia de se associar a jovens que prometem nos campos da poesia, cultura, arte e humanismo, e assim a realização atingiu nível tendente a progresso cultural, artístico e social. «A Voz de Loulé», representada pelo seu director José Maria da Piedade Barros, grande amigo de Lagos, e pelos seus colaboradores Luiz Pereira e José Manuel Mendes, talvez dos mais jovens jornalistas e poetas do Algarve, deu valioso contributo ao Encontro, pois que a comunicação de Luiz Pereira, repleta de verdades que importa sejam conhecidas para se conseguir uma sociedade mais justa e equilibrada, e o facto da primeira publicação de poema de José Manuel Mendes, intitulado «Triângulos Eróticos do Desespero», provam bem que aquele semanário diligência contribuir para a sociedade mais culta e humanista.

Registamos na última sessão de trabalhos do Encontro dedicada a apreciação das conclusões do júri sobre as comunicações apresentadas pelos participantes, e aprovação do projecto dos Estatutos, que foi antecedida por agradáveis momentos de poesia recitada por Maria de Fátima, Neto Gomes, João Braz e Gentil Marques, feliz intervenção de Luiz Pereira que influiu de certo modo para evitar que a política partidária tenha lugar num Associação de Escritores, e apressou a aprovação dos Estatutos, sem o que poderíamos vir a ser nulas as diligências do Grupo de Estudos Algarvios para obra que uma vez encaminhada nos moldes delineados pelo sr. Governador Civil, Presidentes da C. M. de Lagos e Assembleia Municipal de Lagos poderá valorizar não só os que tomaram parte no Encontro como todo o Algarve.

J. Piscarreta

I Encontro de Escritores Algarvios

Realismo ou árvore sem fruto?

— Análise de LUÍZ PEREIRA



Realizou-se em Lagos o I Encontro de Escritores Algarvios. Aceitei o convite que me foi formulado pelo GEA e marquei presença neste Encontro que me pareceu à primeira vista bastante positivo e realista. Após uma reflexão mais profunda acerca dos resultados do Encontro, não posso dispensar, caros leitores, a minha análise.

Sem dúvida que houve camaradagem, alegria, boa recepção, mas... faltou efectivamente algo mais! Sim, porque o Encontro era... de cultura! Talvez um pouquinho de dinamismo, de acção, de optimismo em relação ao futuro. Desnecessárias, quanto a mim, algumas intervenções que, apesar da aparência humanista e sincera revelou ainda um certo seguidismo, um certo fanatismo ideológico e são prejudiciais em reuniões deste género, onde a dinamização e a des-

centralização da cultura constituem o principal tema. Desnecessárias também e de carácter ambíguo e maleável, foram as intervenções cujo objecto foi fazer a distinção entre escritor e escrevinhador, procurando seleccionar à partida uma determinada cúpula, que nem por isso demonstram qualidades superiores a não ser o possuírem uma maior maturidade, uma maior experiência que deveria ser aproveitada como lição, em prol daqueles que, embora sejam ainda escrevinhadores, podem ser amanhã escritores credenciados, grandes nomes da Literatura, da História, do Jornalismo. Notei uma certa monotonia nos participantes, um pessimismo e um derrotismo acentuados, que revelam logo de início pouco espírito de sacrifício, pouca preocupação em fazer deste grupo uma realidade. De qualquer modo, apesar da minha modesta colaboração neste Encontro, procurei dar o meu melhor contributo e chamei a atenção dos presentes para que a escrita encaminhe definitivamente no sentido do progresso e do bem-estar social, pondo de lado as convicções político-religiosas de cada um. Mas, no meio deste vazio, da falta de diálogo, do individualismo, do egocentrismo, relevante, do narcisismo até, em cer-

tos casos, salvaram-se algumas pessoas que pelo seu activismo, pela sua boa-vontade de prosseguir em frente, vencendo as barreiras que nos afligem, merecem uma palavra de agradecimento, de amizade e os votos sinceros para que continuem lutando pelo Bem da comunidade. Refiro-me, sobretudo, ao amigo J. Piscarreta, também colaborador de «A Voz de Loulé» e que tive a felicidade de conhecer pessoalmente. Embora fosse o mais idoso neste Encontro, foi o mais jovem na acção, no espírito aberto e dinamizador, na boa-fé de levar por diante a expansão da cultura algarvia. Figura extremamente simpática, cheia de simplicidade e alto valor cultural. Homem com os olhos postos no futuro, que não necessita de ornamentar as suas frases porque as suas palavras saem-lhe da alma e do coração.

Para a Fátima Oliveira, que demonstrou representar magnificamente a juventude, não só pela sua cultura elevadíssima mas também pela sua honestidade, pelos seus gestos de Mulher, pelo seu papel preponderante e oportuno, vão também os meus sinceros votos para que a sociedade saiba reconhecer as pessoas válidas deste País, para que o Grupo de Estudos Algarvios caminhe em frente, de cabeça erguida e com os pés assentes na terra algarvia, na terra portuguesa, pois o seu desenvolvimento pode ser já uma realidade de se apostar na juventude. Fátima Oliveira revelou ser uma declamadora digna de respeito, possuindo as qualidades necessárias para enfrentar já o grande público da poesia. Quanto a intervenções seguras e realistas, a de Neto Gomes foi sem dúvida a que sobressaiu. Homem feliz, consciente, de carácter humano, não é fácil vê-lo alinhar com a fraseologia fácil nem tão pouco deixar arrastar-se pela demagogia das palavras ocas e sem sentido construtivo. É de reconhecer, o esforço dos organizadores deste I Encontro de Escritores Algarvios que souberam estar à altura embora, e isso é absolutamente normal porque ninguém é perfeito, algumas falhas tenham vindo ao de cima quase no final dos trabalhos. A grande vencedora deste Encontro foi, sem dúvida, a poesia. Por culpa dos prosadores que não souberam utilizar a força da crítica para apontar os erros de determinada poesia defeituosa que lá apareceu.

É urgente que o GEA saiba entender o verdadeiro significado e a importância primordial da regionalização da cultura e que as querelas partidárias, porventura existentes, sejam banidas em definitivo para que o realismo se sobreponha à demagogia e às viagens irreais a mundos de sonhos. Deve o escritor servir as crianças, os humildes, os necessitados, sem ambiguidades, sem desvios, com objectividade, com prudência.

Contudo, uma pontinha de crítica. Fica-lhes bem! Então srs. escritores, srs. organizadores, uma feira do livro em recinto fechado às pessoas mais modestas? Então com exposições em hotéis de quatro estrelas é que se serve as povoações rurais? É assim que se pretende levar a cultura às aldeias, ao campo? Evidentemente que não. Há pessoas que nunca entraram em hotéis, há outras que se sentem complexadas quando lá entram...

Tenho esperança. Os erros serão corrigidos p'rá próxima. Se desejarem eu estarei de novo presente. Contribuindo da melhor forma como escrevinhador, porque o título de escritor deve ser reconhecido por aqueles que lêem os meus escritos. E, até à data, ainda ninguém o reconheceu!

Olhei para o céu numa noite sem
e ninguém respondeu
mas virando-me e beijando a terra
as lavas e as cavernas,
ocultas, belas profundas,
responderam-me
que o meu grande amor morreu.
J. C. V.

CARIMBOS

Executam-se na
GRÁFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 62536 — LOULÉ